

LUGAR DE MEMÓRIA: OS MITOS E AS LENDAS NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

PLACE OF MEMORY: MYTHS AND LEGENDS IN THE CONSTRUCTION OF IDENTITIES

Cicero Bruno Barros Nascimento¹

RESUMO: As lendas e os mitos fazem parte da cultura de inúmeros povos. Esses discursos trazem consigo uma série de características que partem da tentativa de explicar a realidade como resposta à criação e origem das coisas, e se mesclam no imaginário popular ganhando traços que são únicos de cada comunidade na qual essas narrativas são aceitas e transmitidas, tendo a oralidade como veículo propagador. Essas estórias de caráter sobrenatural assumem-se como pertencentes a uma realidade cultural complexa. Dessa maneira, esse artigo traz uma discussão que aponta as lendas e também os mitos como elementos atuantes na formação de identidades, partindo das narrativas fantasmagóricas que giram em torno da Gruta de Brejinho- Segunda maior caverna do estado do Ceará e localizada na cidade de Araripe.

Palavras- chave: Gruta de Brejinho. Identidade cultural. Imaginário popular. Lendas de Brejinho.

SUMMARY: Legends and myths are part of the culture of countless peoples. These discourses bring with them a series of characteristics that start from the attempt to explain reality as a response to the creation and origin of things, and are mixed in the popular imagination, gaining traits that are unique to each community in which these narratives are accepted and transmitted, having the orality as a propagating vehicle. These stories of a supernatural character are assumed to belong to a complex cultural reality. In this way, this article brings a discussion that points out the legends and also the myths as active elements in the formation of identities, starting from the ghostly narratives that revolve around the Gruta de Brejinho - Second largest cave in the state of Ceará and located in the city of Araripe .

Keywords: Grotto of Brejinho; cultural identity; popular imagination, legends of Brejinho.

¹ E-mail: cicero_bruno_phn@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O homem que é constituído de fantasias e vive cercado por imaginários faz acontecer a cultura e disserta sobre si mesmo a história que lhe está ao alcance e cujo pincel da mente lhe permita que escreva.

Desde a formação dos primeiros aglomerados, das primeiras comunidades, o ser humano destaca-se por sua grande capacidade de criar mecanismos que lhes proporcionem uma melhor maneira de viver e ver o mundo, e de lidar com os mais diversos acontecimentos que lhe são oferecidos no decorrer de sua vida. No entanto, o ‘poder da mente’ é sempre usado na tentativa de um desenrolar dos acontecimentos e na fabricação de uma saída para as mais diversas ‘enroscadas’. “Este divertimento do povo é sua aspiração secreta, sua busca espiritual de um mundo maravilhoso onde impere o valor do homem, e onde as leis, tão detestadas, sejam abolidas.”² Todo esse imaginário é responsável pela construção e identificação de inúmeras culturas, pois caracteriza, denomina e sela os espaços no qual este é elaborado. Assim;

A cultura popular tem como essência o imaginário, o que significa uma riqueza imprescindível. É nesse campo fértil que o imaginário atua revelando sentimentos que desabrocham em lendas, mitos, contos, crendices, superstições e em outras belezas que retratam a nossa cultura. (LÓSSIO, 2009, p. 1)

“A lenda existe desde a formação do clã, da sociedade e os temas se desenvolvem com preocupações semelhantes em todas as culturas”³. Por isso, desvendar tais questionamentos e entender a estrutura do espaço físico na construção de lendas, ganhará impulso no desenrolar deste estudo. É importante destacar desde o início dessa discussão que,

[...] as lendas articulam questões com as quais a comunidade se vê às voltas para explicar. Podemos aqui interpretar essas questões como sendo medos, ansiedades, polêmicas e interditos que uma sociedade precisa simbolizar, até certo ponto inconscientemente, na forma de narrativas. Essas narrativas viriam então confirmar ou questionar concepções de mundo tidas como válidas dentro da comunidade em questão⁴

Nessa perspectiva, é importante destacá-la como material de suma importância para o pesquisador; como elemento fundamental na percepção de

² BAYARD, Jean- Pierre. **História das lendas**. SP: Book e BooksBrasil.com, 2002. p. 12

³ BAYARD, Jean- Pierre. **História das lendas**. SP: Book e BooksBrasil.com, 2002. p. 12

⁴ LOPES, Carlos Renato. **Em busca do gênero lenda urbana**. _____ 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322008000200009&lang=pt> Acesso em: 25 jul. 2021.

costumes e crenças dos mais variados grupos e comunidades humanas, assunto que será abordado com mais complexidade e fundamentação nas páginas seguintes.

1- Sobrevivência das lendas e dos contos fantasmagóricos: os usos da memória

“As lendas ou histórias populares orais transportam o homem a um mundo em que o imaginário explica fatos pitorescos e simples, enfatizando a simplicidade que essas trazem em si”. (TERCEIRO, p. 2). A partir de então, pode-se perceber que as lendas que vêm se perpetuando no decorrer do tempo, são fruto de uma série de acontecimentos desencadeados nos mais diversos continentes. “A migração dessas histórias, desses contos, portanto, nos é desconhecida e podemos quanto muito construir teorias mais ou menos plausíveis conforme nossa imaginação”⁵. Tendo como característica fundamental a oralidade, esses fragmentos da memória vão ganhando novas roupagens e novas interpretações com o passar dos anos. Dessa maneira, “à memória caberia a tarefa de realizar um retorno àquilo que cada vez mais se distancia mais e mais” (PIPANO, 2012, p.91).

Nessa perspectiva, podemos afirmar que a oralidade, tão destacada por Bayard assumiu caráter de suma importância nessa migração e é hoje um dos principais meios de transmissão dessas histórias miraculosas do sobrenatural. “É preciso, portanto, pesquisar a marcha dessas histórias em relação à marcha do indivíduo” (BAYARD, 2012, p. 21). Sendo assim, ao passo que o homem tem andado e conquistado novos espaços e terras, construído comunidades, e se organizado enquanto ser social, tem levado consigo uma variante incalculável de conhecimentos e memória, cuja bagagem foi sendo repassada durante as gerações tendo como principal via de comunicação a linguagem oral, ou seja, a fala. “A lenda na sua forma oral, faz um passeio no imaginário popular levando os fatos históricos em deformação, [...] e é justamente essa deformação que depara-se como instrumento favorável de mudanças e transformações” (LÓSSIO, 2002, p 3) Jean Pierre, deixa claro que além da oralidade, as guerras travadas entre os mais diversos povos e as mais diversas comunidades e países contribuíram de forma crucial na divulgação desses contos.

⁵ BAYARD, Jean- Pierre. **História das lendas**. SP: Book e BooksBrasil.com, 2002, p. 21.

É nesse sentido que percebemos a oralidade como elemento importantíssimo à historiografia e como meio preciso de ressignificação do passado e da vida em tempos remotos. Para uma melhor compreensão acerca de sua importância para os pesquisadores, reafirmo a ideia de que “a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o pesquisador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas dos relatos escritos” para fundamentação de suas pesquisas e elaboração de trabalhos científicos. (MATOS E SENNA, 2011, p. 95). Ainda no que diz respeito a importância dos usos dessa oralidade, Thompson a enfatiza defendendo que além de esta apresentar-se como peça fundamental para o desenrolar dos temas acadêmicos, ainda abrange em grande escala todo um contexto, no sentido de que:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos. (THOMPSON, 1992, 17)⁶

A oralidade, portanto, favorece ao pesquisador as mais variadas cenas vividas- ou não-, contidas na mente e que são transcritas na forma de memória. “A memória passa a ser entendida como presença do passado, como uma construção psíquica ou intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado”⁷ cabendo, àquele que pesquisa, por ser fragmentada, a missão de unir os mais diversos pedaços dessa memória na construção daquilo que se pretende ‘desvendar’. Concordo com Thompson ao afirmar que a memória de um pode ser a memória de muitos no sentido de que vivemos em conjunto e construímos história juntos. Mas, é importante destacar que cada indivíduo guarda dentro de si uma enorme bagagem, uma grande complexidade de experiências, e nem sempre fatos vivenciados coletivamente podem causar o mesmo impacto em todos os indivíduos que presenciaram tais acontecimentos. A memória, portanto, por ser seletiva e por “ser uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado”⁸ traz

⁶ MATOS, Silveira Júlia. SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. Rio Grande, 2011, p. 96

⁷ Idem.

⁸ MATOS, Silveira Júlia. SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. Rio Grande, 2011, p. 97.

em si aquilo que cada indivíduo recebe do mundo exterior em contato com o imaginário, do mundo individual com o mundo coletivo. Tal pensamento pode ser percebido na obra de MATOS & SENNA ao afirmar que “memórias individuais e coletivas se confundem; não somos ilhas e, portanto, estamos sujeitos a influências, bem como a influenciar os grupos a que pertencemos e com os quais nos identificamos” (p. 97). Desta forma,

A ideia central no campo da oralidade é dotar a memória de historicidade, mostrar que ela é possível num dado contexto em que é provocada. Há já algum tempo que a proposta de que a memória poderia revelar ou desvelar o real foi abandonada, pois uma análise da memória implica considerar que as memórias são interpretações da experiência vivida, são datadas e podem ser historicizadas. (VENSON & PEDRO, 2012, p. 132).

Portanto, cabe ressaltar que as lendas podem ser consideradas elementos fundamentais na construção de uma identidade social, cultural, local e até mesmo religiosa de determinado grupo em determinado tempo e espaço, e que a partir destas é possível que o pesquisador descubra os mais diversos aspectos presentes em um passado a ser estudado. Rúbia Lóssio destaca a potencialidade das lendas como objeto a ser estudado discorrendo que “é na folkcomunicação⁹ que esta torna-se matéria viva para estudos e pesquisas” (2002, p.3). É nessa perspectiva que “o autor fazedor de ideias, transfere todo o seu potencial do imaginário e transforma em realidade maravilhosa os fatos de sua estória.” (LÓSSIO, 2002, p. 3)

A partir dessa abordagem cabe a nós percebermos que as lendas carregam em si não só meras histórias de acontecimentos imaginários, mas, são constituídas de todo um cenário de um povo específico- ou não-, em determinada escala histórica. Aqui firmo a ideia da lenda como “documento” histórico e como objeto de estudo para a compreensão das comunidades, pois BAYARD destaca sua importância ao afirmar que

A lenda, mais verdadeira do que a história, é um precioso documento: ela exara a vida do povo, comunica-lhe um ardor de sentimentos que nos comove mais do que a rigidez cronológica de fatos consignados; desta forma, o romance é a sobrevivência das lendas. (2002, p.8)

⁹“É um processo de intercâmbio de informações manifestações de opiniões, ideias e atitudes da massa através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTÃO, 1967; apud Benjamim, 2001, p12; apud LÓSSIO, 2002, p.2).

É essa ideia de preciosidade citada por Jean Pierre que me deixa fascinado. A partir do trecho transcrito acima podemos perceber quão ricas são as lendas, e quão variadas são as suas composições ao destaca-la como elemento não só fruto de aspectos reais e imaginários, mas como algo que exara, que marca, que registra a vida de um povo e comunica sentimentos e emoções humanas. Ao usar essas palavras Bayard caracteriza a lenda muito além daquilo que ela é, ou seja, romantiza e dá vida a essas narrativas; e é esse romance, essa sentimentalidade, essa emoção que torna a lenda uma lenda; em outras palavras, é a interpretação que se dá a essas narrativas. “As lendas são sujeitas a interpretações bastante diferentes que se contradizem ou se completam”¹⁰ aos olhos de quem as recebe e de quem as narra. Por isso, “para o pesquisador que trabalha com essa memória, seja por meio dos registros escritos desta, seja pelo recolhimento ao vivo, pela oralidade das lembranças daquele que rememora, há que levar em conta as múltiplas mediações nesse processo” (PESAVENTO, 2008, p. 95).).

Sabemos claramente que “a memória permite que se possa lembrar sem a presença da coisa ou da pessoa evocada, simplesmente com a presença de uma imagem no espírito e com o registro de uma ausência dada pela passagem do tempo”¹¹, pois “aquilo que foi aprendido fica guardado na memória”¹² e pode ser buscado quando se faz necessário, ou melhor dizendo, as “lembranças que ficaram guardadas pelo caminho do inconsciente podem ser acessadas e recontadas de diferentes formas” (LEAL, 2011, p 04). É importante deixar claro que a partir da memória se é possível ao pesquisador descrever, analisar e desvendar os mais diversos acontecimentos vividos pelo homem no decorrer da vida. A memória torna-se, em outras palavras, uma grande aliada, pois aproxima o pesquisador aos mais variados momentos a que pretende-se compreender, fazendo com que a partir desta se torne possível reviver¹³ novamente tais temas históricos.

¹⁰ BAYARD, Jean- Pierre. **História das lendas**. SP: Book e BooksBrasil.com, 2002, p 27.

¹¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3ª Ed. Porto Alegre: Autêntica, 2008. P.94.

¹² LEAL, Alessandra. **Cultura e memória: percepções das lembranças re- existentes no tempo**. 2011, p. 3.

¹³ Esta ideia de reviver está vinculada ao sentido de que ao lermos ou escutarmos determinados fatos, tanto a aquele que narra quanto ao que recebe a narração é dada a oportunidade de: 1) relembrar- no caso daquele que a viveu, ou 2) vivê-la mentalmente – no caso daquele que recebe. Deixo claro que é impossível narrar o passado tal qual aconteceu da mesma forma que é impossível àquele que não

Assim, o presente passa a ser construído a partir de fragmentos dessa memória e através dos olhares lançados ao passado; ou seja, “nenhuma sociedade constrói o presente e alicerça o futuro sem compreender sua cultura e sem conhecer o significado de sua história”¹⁴. Considero de suma importância destacar que a memória acarreta consigo elementos de caráter coletivo, no sentido de que esta é composta não somente por lembranças de acontecimentos vividos diretamente por um só indivíduo, mas sim, de todo um grupo, de toda uma sociedade. Aqui faço minhas as palavras de Alessandra Leal ao destacar a memória como um “baú vivo e fluido de guardados, imagens e lembranças” e como elemento ao qual se é possível “re- existir as experiências não só do indivíduo, mas do seu grupo”¹⁵.

Todavia, as lendas dependem dessa memória para que se mantenham vivas no meio humano. É por meio da lembrança que estas tornam-se acessíveis a nós. Cabe ressaltar que essa “lembrança é a sobrevivência do passado”; (BOSI, 1979, p. 15 apud LEAL, 2011, p.3), e é por meio desta que o passado é reelaborado, interpretado e personificado no presente. Se a lembrança é a sobrevivência do passado, então as lendas são sobrevivências da lembrança; são fruto daquilo que o indivíduo consegue desdobrar em meio a tantas emoções e sensações. Leal afirma ainda que por meio dessas lembranças o presente é recriado e o passado recontado e perpetuado. Isso explicaria então a perpetuação dessas Histórias fantasmagóricas? De fato sim. Se por meio das lembranças da memória o passado pode vir à tona e “reaparecer”, as lendas teriam por fim usado dessa lembrança como elemento crucial na sua divulgação e perpetuação no cenário humano.

É nesse ponto que Alessandra Leal chega a afirmar que “vivemos de acordo com as nossas lembranças, memórias- hábitos, condicionamentos e aprendizados culturais transmitidos e a nós ensinados por outros que vem de outros tempos” (2011, p 04). Tal citação fez lembrar-me ELLIS ao defender a ideia de que “as lendas normalmente fazem parte de uma discussão contínua e estão constantemente sujeitas

presenciou o fato e tem conhecimento apenas por meio da memória revivê-lo tal qual este se deu verdadeiramente.

¹⁴ COSTA, Claudiana Soares da. GOMES, Eunice Siomões Lins. GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. **As lendas e a imaginação simbólica: uma metodologia para a sala de aula**. Belo Horizonte, 2012, p. 538

¹⁵ LEAL, Alessandra. **Cultura e memória: percepções das lembranças re- existentes no tempo**. 2011 p.2. Disponível em < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj> Acesso em: 28 jul. 2021.

a contribuições, correções, comentários e objeções de outros participantes.” (2001, p. 10)

2- Os contos e as lendas como fugas das amarras existenciais

É comum se ouvir em pequenas cidades ou comunidades não muito urbanizadas, histórias de caboclos e outros seres espirituais que encantados dentro das grandes matas e florestas são responsáveis por proteger a natureza.

Essas e outras inúmeras histórias fazem parte do nosso imaginário, e são responsáveis por “revelar estruturas do real inacessíveis quer à experiência dos sentidos quer ao pensamento racional”.¹⁶ Para Jean Pierre, essas histórias que se desdobram através do imaginário e desabrocham em narrações mitológicas e lendárias são cruciais por levar o homem a fugir da realidade cruel, onde a dor e a desesperança estão fortemente presentes à “novos mundos” onde a miséria é substituída pela alegria, pela magia, pelo faz-de-conta. É na incansável busca pelo novo que se originam uma variedade de sentimentos, símbolos e simbologias que pairam sobre a sociedade e sobre o próprio ego humano. Esses símbolos se constituem para Mircea Eliade

[...] mecanismos reveladores de certos aspectos da realidade- os mais profundos- e que desafiam qualquer outro meio de conhecimento, sendo as imagens, símbolos, e mitos criações irresponsáveis da psique, e que respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser¹⁷.

Ao tratar do imaginário, do pensamento simbólico, é preciso desconstruir a ideia de que estes estejam ligados somente a fase do infantil, e percebê-los como elementos geradores da identidade humana; “ele é consubstancial do todo e qualquer ser humano”¹⁸. Dessa forma, é buscando entender a estrutura desse imaginário e desvendar esses questionamentos que percebemos está vinculado a fragmentos de sentimentos que almejam suprir diversas necessidades sociais e até mesmo pessoais.¹⁹

¹⁶ ELIADE, Mircea. **Imagens e simbolismo**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2004. p. 8

¹⁷ Idem. p, 13

¹⁸ Ibidem. p. 13.

¹⁹ Essa ideia está voltada ao sentido de que essas narrativas são construídas e adaptadas de acordo com a realidade de cada grupo social, em cada contexto que estão inseridos cada um de seus membros, e quais objetivos são almejados, seus medos e ansiedades. É possível ainda que cada indivíduo em suas peculiaridades e especificidades se tornem sujeitos criadores de narrativas ricas em aspectos que identifiquem suas mais distintas qualidades. É provável que através das narrativas de caráter lendário e mitológico, seja possível perceber e identificar possíveis características dos grupos sociais em que

De acordo com Jean Pierre Bayard as lendas existem desde a formação das primeiras sociedades, “desde a formação do clã”. Teriam sido provenientes de um único mito propalado na Índia, o que a classifica berço dessas narratividades, e “constituíam uma compilação da vida dos santos, e dos mártires”. Contudo, “não se pode afirmar que houve uma única invenção” desses contos, “mas apenas a Índia possui documentos antigos onde nossos mitos estão registrados”. De forma primeira, essas narrativas eram lidas apenas nos refeitórios dos conventos e nos mosteiros, ingressando tempos depois na vida profana.²⁰ A partir de então, as lendas teriam sido transmitidas de um continente para outro, de uma cultura para outra de forma apressurada. Como chegaram até nós? Como foram repercutindo entre os continentes? A resposta a essas perguntas Pierre Bayard nos responde: as guerras e as grandes navegações. Desde as viagens do navegador italiano Cristóvão Colombo por águas desconhecidas é presente em seus discursos narrações mistificadas que relatam a presença de seres sobrenaturais que habitavam as grandes águas e espantavam aos navegantes. Bayard afirma que “antes mesmo de Colombo e de Marco Polo, os países já se comunicavam entre si”²¹ o que torna plausível a ideia de já haver antes destes uma propagação de histórias lendária e mitológicas pelos países.

1544

As lendas, e também os mitos estão inseridos numa categoria de narratividades que abolem o real e desabrocham numa face de sentimentalidades e anseios de um indivíduo ou de um grupo; estão sujeitas a contribuições e modificações a todo o tempo. Diferentemente de muitos mitos, “a lenda histórica fundamenta-se em fatos reais, mas o narrador altera a veracidade a fim de provar”²². Segundo Jean Pierre, a palavra lenda provém do baixo latim ‘legere’ que significa ‘o que deve ser lido’, estando sujeitas a diversas interpretações que vão se completar ou se contradizer dependendo do ser que a narra ou a recebe. Todavia, o que diferencia o mito da lenda? A lenda pode ser entendida como uma narrativa fantasiosa transmitida pela tradição oral através dos tempos. O mito procura explicar os principais acontecimentos da vida, os fenômenos naturais, a origem do mundo e dos

foram adaptadas e/ ou criadas essas histórias; características que partem desde aspectos econômicos, políticos, culturais, religiosos e sociais.

²⁰ BAYARD, Jean- Pierre. **História das lendas**. SP: Book e BooksBrasil.com, 2002, p 10.

²¹ Idem. p, 14.

²² Ibidem. p, 16

homens, das coisas. São narrativas tradicionais com características simbólicas e explicativas. Mircea Eliade afirma que “conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas”²³. Nessa perspectiva podemos afirmar que conhecer as lendas é aprender a fugir do presente, esquecer as dificuldades e as amarras vivenciadas diariamente, buscando na fantasia remediar as dores existenciais. Se conhecer os mitos “é aprender a encontrar as coisas e fazer com que reapareçam quando desaparecem”²⁴, conhecer as lendas é assumir a missão de abolir o real para que este não reapareça.

Dessa forma, as histórias fantasmagóricas que giram em torno de uma caverna, situada numa pequena comunidade localizada no interior do Ceará, podem ser consideradas válvulas de escape diante de situações vividas em determinado tempo da história dos atores sociais daquele lugar. Dentro do semiárido nordestino, e em um período de dificuldades, essas narrativas passam a experienciar a fuga de uma realidade marcada pelo sonho de enriquecimento e melhorias de vida

Para justificar essa afirmação lhes apresento uma das narrativas lendárias evocadas em torno da Gruta de Brejinho²⁵.

Quando as pessoas iam dançar forró na caverna, aparecia um Carneiro de Ouro, muito lindo e brilhoso. Sua passagem era muito rápida, mas acreditam que a mulher que conseguir tocar no Carneiro fará ele se transformar em um príncipe e se casará com ele. A princesa herdará uma grande fortuna e viverão para sempre na terra encantada dentro da floresta.

Pela narrativa transcrita acima, pode-se identificar em primeiro plano a presença dos resquícios do imaginário europeu nas terras caririenses. A fantasia europeia rodeada de castelos, príncipes e princesas se mesclam na cultura nordestina fazendo surgir para o povo Brejinhense uma nova oportunidade de suprir as tão detestadas barreiras econômicas e sociais. Para se entender a estrutura desse imaginário, cabe destacar que os primeiros registros da segunda maior caverna do Ceará datam de 1846 quando teriam passado nessa região membros da comissão

²³ ELIADE. Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo, perspectiva. 2011; p.18

²⁴ Idem. p.18

²⁵ Segunda maior caverna do estado do Ceará e situada no distrito de Brejinho, em Araripe. O distrito possui duas cavernas. A região apresenta diversas narrativas (lendas) que povoam o imaginário popular e todas são adaptadas ao espaço físico da Gruta.

científica do Império, e tempos depois a existência das duas cavernas de Brejinho teriam sido confirmadas por um estudioso conhecido como Barão de Capanema²⁶.

Todavia, podemos declarar que desde o século XVI “o imaginário do colonizador europeu estava povoado de representações construídas por elementos edênicos alusivos tanto a exuberância da natureza e economia gerada pela exploração, como também por elementos infernais relativos às crenças e costumes dos povos indígenas, negros e colonos”²⁷ o que nos leva a entender esse momento de descoberta da floresta e caverna de Brejinho, já séculos depois, como resquícios de adaptação e/ou criação de histórias sobrenaturais de caráter fantástico, mesmo tendo os séculos XVIII e XIX minimizado o papel do simbolismo em detrimento do imaginário e valorização da razão em uma sociedade caracterizada pelo racionalismo positivista.

Ao afirmar que as lendas e outras histórias relacionadas ao imaginário são fruto de uma tentativa extraordinária de fugir dos atritos existenciais vivenciados no presente, podemos perceber que quando criadas ou adaptadas, essas narrativas carregam em si a função de eliminar todas e quaisquer barreiras sociais que determinado grupo ou indivíduo vive ou presencia.

Além de abarcarem a missão de educar o homem, as lendas ainda carregam em seu contexto caracterizações dos lugares a que estas narrativas estão inseridas. “Elas estão acompanhadas de fatos e acontecimentos comuns, ilustrada por cenários exóticos e de curta extensão. Muitas vezes são fatos verídicos acrescentados de novos dados ou até mesmo recriados.”²⁸ Ao migrarem de uma região para outra, as narrativas lendárias sofrem algumas alterações, e em muitos casos, bastante severas, o que as tornam adequadas as novas realidades a que se inserem. Todavia é possível perceber que lendas que possuem enormes semelhanças carregam ainda pontos que são especificamente da região, comunidade ou lugar a que foram adaptadas, o que diverge em certos casos de uma lenda para uma outra lenda.

Tal problemática, podemos perceber na transcrição abaixo:

Dizem alguns habitantes de Jericoacoara que, sob o serrote do farol, jaz uma cidade encantada, onde habita uma linda princesa. Só se pode entrar pela boca da caverna, porque dizem é fechada por enorme portão de ferro.

²⁶ Livro Tesouros do Brasil. 2005; p.134.

²⁷ BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. **Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na região do Cariri**. Fortaleza. 2011

²⁸ LÓSSIO, Rúbia. **Lendas: processo de folkcomunicação**._____, 2010, p. 1

A princesa está transformada numa serpente de escamas de ouro, só tendo cabeça e pés de mulher. Diz a lenda que ela só pode ser desencantada com sangue humano. Com o sangue, será feita uma cruz no dorso da serpente, e então surgirá a princesa com sua beleza olímpica no seio dos tesouros e maravilhas da cidade. Então, em vez daquela ponta escaldada e agreste, surgirão as cúpulas dos palácios e as torres dos castelos, maravilhando toda a gente [...] a cidade e a princesa, ainda espera o herói que se decida a remela com seu sangue.²⁹

O trecho acima foi retirado do livro *Lendas Brasileiras Para Jovens*, de Luís da Câmara Cascudo e faz parte de uma das histórias lendárias encontradas na região Nordeste do Brasil em especial na cidade de Jericoacoara- Ceará. Tal narrativa pode ser comparada com uma das lendas colhidas no distrito de Brejinho:

O povo diz que na caverna do Brejo existe uma Serpente de Ouro, uma grande cobra, e que se alguém conseguir tocar nela, a caverna se transformará em um grande palácio, e o Brejinho em uma grande cidade, muito bonita e cheia de ouro. Quando ela for desencantada (a serpente), a princesa se casará com aquele homem que tiver tido a coragem de tocar nela³⁰.

Podemos perceber pelas duas transcrições acima que as duas lendas estão adaptadas a um espaço físico natural: duas grutas. É possível identificar ainda que tanto a lenda brejinhense quanto a lenda encontrada em Jericoacoara tem como principal personagem uma grande cobra banhada a ouro cujo desencanto possibilita enorme riqueza para ambas as sociedades. Todavia, não podemos negar que por mais semelhantes que sejam, essas narrativas apresentam algumas divergências. A primeira delas está relacionada ao método usado para que o desencanto da serpente aconteça: Na lenda recolhida por Câmara Cascudo, torna-se necessário o uso do sangue humano e do sinal da cruz, além de torna-se notável também a presença de um enorme portão de ferro na entrada da caverna. Outro ponto que merece destaque está relacionado aos aspectos físicos da cobra: cabeça e pés de mulher, enquanto na lenda descrita por Maria Aparecida não se notam quaisquer resquícios de que a cobra possua evidências de aspecto humano. Todavia podemos perceber que o desencanto da Serpente de Ouro da Gruta de Brejinho acontece apenas com um toque na cobra cujo local não nos parece ser específico.

Essa discussão permite-nos entender que “nem sempre é necessário conhecer a mitologia para viver os grandes temas míticos”. E isso torna visível quando pessoas

²⁹CASCUDO, Luís da Câmara. *Lendas Brasileiras Para Jovens*. 2ª ed. São Paulo, 2010. 8ª reimpressão, 2012. p. 33.

³⁰ Depoimento de Maria Aparecida, de 52 anos, concedido em 02/08/2021.

simples, de lugares pequenos e pouco desenvolvidos se tornam participantes, interpretes e difusores de imagens que são fruto de uma série de mecanismos da mente humana. Todavia, “entendamos as narrativas sobre assombrações como caminhos para compreensão das comunidades”,³¹ e como elemento importantíssimo do modo de vida de determinada gente e em determinado espaço, produto da imaginação popular.

3- Conclusão

A identidade é um processo de construção e reconstrução marcado pela cultura e é portanto elemento essencial para a sobrevivência das comunidades. Ela é responsável por enquadrar um amplo número de representações e manifestações da vida de um povo em um determinado tempo ou período histórico. Esse enquadramento se dá por meio de um conjunto de fatores (crenças, aspirações, valores, normas, emoções, etc.) que possibilitam a construção do ser humano, enquanto ser social e cultural.

Os mitos e as lendas estão intimamente ligados aos valores, à simbologia e às crenças, que não só influenciam a forma como se vê aquilo que nos rodeia, como também o nosso interior. Estão intimamente relacionados com a identidade cultural das localidades e com a cultura dos povos.

Essas narrativas passam a ser um importante elemento do patrimônio imaterial das comunidades e regiões em que essas histórias são evocadas. “A sobrevivência dessas histórias é uma das evidências de como a relação entre o mundo natural e o sobrenatural ainda tem importância vital para a população”.³²

É o uso dessa imaginação que Mircea Eliade acredita ser fundamental para a existência e sobrevivência de uma sociedade, afirmando que “aquele que não tem imaginação está isolado da realidade profunda da vida e de sua própria alma, o que o leva, em outras palavras, a uma vida arruinada.”³³ Para Durand, “a separação entre razão e imaginação é falsa, pois o simbólico se inscreve de maneira profunda na alma

³¹BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. **Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na região do Cariri**. Fortaleza. 2011, p. 48.

³² MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. LOPES, Thiago Stevenny. **A botija da serra de Rajada: entre a memória e a história**. Revista Inter- legere, Nº 10. Janeiro a junho de 2012.

³³ELIADE, Mircea. **Imagens e simbolismo**. Campo Santa Clara: Arcadia, 2000, p. 21.

humana,”³⁴ não podendo haver de forma alguma o rompimento entre o natural e o edênico, o surreal.

Dessa forma, é possível afirmar que as narrativas que circulam na comunidade de Brejinho-CE, também foram responsáveis pela construção da história local pelos indivíduos, pois permeiam o imaginário popular regando os sentimentos e desabrochando em sensações, que por sua vez, favorecem a edificação de memórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYARD, Jean- Pierre. **História das lendas**. SP: Book e BooksBrasil.com, 2002.

BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. **Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na região do Cariri**. Fortaleza. 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Lendas Brasileiras Para Jovens**. 2^a ed. São Paulo, 2010. 8^a reimpressão, 2012.

COSTA, Claudiana Soares da. GOMES, Eunice Siomões Lins. GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. **As lendas e a imaginação simbólica: uma metodologia para a sala de aula**. Belo Horizonte, 2012.

ELIADE, Mircea. **Imagens e simbolismo**. 1^a ed. São Paulo: Martins Fontes. 2004

ELIADE. Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo, perspectiva. 2011

FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. **Ciência e tecnologia no Brasil Imperial Guilherme Schüch, Barão de Capanema (1824-1908)**. Varia hist. Vol.21 n^o 34. Belo Horizonte. Julho; 2005.

GOMES, Eunice Simões Lins. SILVA, Pierre Normando Gomes da. COSTA, Claudiana Soares da. **As lendas e a imaginação simbólica: uma metodologia para a sala de aula**. Belo Horizonte, v. 10, n. 26, p. 538-551, abr./jun. 2012 - ISSN: 2175-5841

LEAL, Alessandra. **Cultura e memória: percepções das lembranças re- existentes no tempo**. 2011 p.2. Disponível em < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj>> Acesso em: 28 jul. 2021.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. LOPES, Thiago Stevenny. **A botija da serra de Rajada: entre a memória e a história**. Revista Inter- legere, N^o 10. Janeiro a junho de 2012.

Livro Tesouros do Brasil. 2005

³⁴ GOMES, Eunice Simões Lins. SILVA, Pierre Normando Gomes da. COSTA, Claudiana Soares da. **As lendas e a imaginação simbólica: uma metodologia para a sala de aula**. Belo Horizonte, v. 10, n. 26, p. 538-551, abr./jun. 2012 - ISSN: 2175-5841

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3^a Ed. Porto Alegre: Autêntica, 2008.

PIPANO. Isaac. **Feito leite derramado sobre a pedra**. Disponível em: <http://ppgcom.uff.br/wpcontent/uploads/sites/200/2020/03/tese_mestrado_2012_isaac_pipano_alcantarilla.pdf> Acesso em 21 jul. 2021.